

“Two Questions on Cannibalism and Rap.” *Critical Inquiry*. n. 22 (1995), pp.150-158

“Duas questões sobre canibalismo e rap.” *XXIV Bieal “Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.”* n. 22 (1995), pp.144-145

# Duas questões sobre canibalismo e rap

1. Etn seu estudo sobre o rap, publicado em *Pragmatist aesthetics* [Estética pragmatista] (Oxford: Blackwell, 1992), o senhor recorre explicitamente ao conceito de canibalismo para descrever a

estética de apropriação do rape de como ele sampleia música pré-gravada e outros sons. Chega até mesmo a se referir; na página 203, aos primeiros rappers como “canibais musicais da selva

urbana”. Qual tem sido a reação a esta caracterização do rap?

Na língua inglesa, “canibalizar” não apenas significa comera carne humana mas também, de modo mais geral, denota a prática de tirar partes de uma coisa para acrescentá-las a outra, por exemplo quando alguém remove várias partes de um carro para juntá-las a outro veículo. Mi nha descrição do sampleamento no rap referia-se claramente a este significado simbólico, de canibalizar partes visando a criação de uma nova unidade musical. Nenhum dos leitores afro-americanos do livro (ou da critica sobre rap que também escrevi para um fanzine dedicado ao gênero) jamais encarou de outro modo o emprego que faço do termo “canibalismo”. jamais me acusaram de denegrir rap, ao associá-lo àquilo que algu ns denominariam o primitivismo das culturas canibais africanas.

Eu, porém, enfrentei essas críticas, formuladas por certos leitores brancos, profundamente preocupados com uma linguagem politicamente correta. Com efeito, os editores de *Critical Inquiry*, excelente revista que publicou um diálogo entre mim e outro crítico, insistiu para que me abstinêsse de usar o termo “canibalismo» em relação ao rap em meu novo artigo “Rap, renix: pragmatism, postmodernism, and other issues on the House» [Rap: pragmatismo, pós-modernismo e outras questões na House] <sup>1</sup>. Argumentaram que seu uso sugere que a cultura do rap e suas fontes étnicas são primitivas e selvagens, que o termo “canibalismo” reforça tremendamente a identificação da cultura negra com a selvageria bárbara. Embora reconhecendo que eu estava defendendo o valor da canibalização musical do rap, eles permaneceram irredutíveis, afirmando que o uso do termo “canibalismo” transmitia uma valorização negativa, uma acusação colonialista e desdenhosa de brutalidade selvagem. Insistiram que seus leitores (basicamente acadêmicos brancos anglófonos) ficariam tão perturbados e induzidos em erro pelas horríveis conotações de canibalismo que minhas considerações positivas sobre o rap se diluiriam e que eu (quando não também a revista) facilmente poderia ser tomado por alguém que expressava pontos de vista racistas e colonialistas.

2. Quais foram as conclusões que o senhor tirou dessa reação? O que o canibalismo passou a significar para o senhor, como filósofo?

A primeira conclusão foi simplesmente prática. Dei-me conta de que os editores conheciam seus leitores americanos acadêmicos melhor do que eu. Se eu quisesse comunicar mais eficazmente minha mensagem àquele público, deveria evitar o termo “canibalismo”. Era fácil encontrar rodeios linguísticos supet-ficiais. Por exemplo, ao escrever para leitores americanos; em vez de me referir ao fato de que o rap canibaliza outros sons, simplesmente escrevi que o rap “se alimenta” de outros sons (ver meu estudo posterior sobre rap em *Practicing philosophy: pragmatism and philosophical life* [Praticando filosofia: pragmatismo e vida filosófica] (Nova York: Routledge, 1997). Claro que esta é uma resposta muito rotineira, não passa de uma solução cosmética para o verdadeiro problema relativo ao canibalismo: nossa reação superficial, cega, primitivamente visceral

a ele, que expressa todo o primitivismo selvagem que projetamos sobre o próprio canibalismo.

Assim, além do projeto de policiar minha linguagem para os leitores americanos politicamente corretos, comecei a perceber que a filosofia poderia ser útil no sentido de lembrar às pessoas que havia uma variedade de significados para o canibalismo. Até mesmo no ato literal de comer carne humana há diferentes significados possíveis. Sabemos, por Diógenes Laércio, que os estóicos Zeno e Cícero defendiam o ato de comer cadáveres sob 'as forças das circunstâncias', ou seja, quando não havia nada mais disponível para se comer. O ensaio de Montaigne sobre o canibalismo assinala outro significado da prática: «realizar uma vingança extrema» contra um inimigo derrotado, «assando-o e comendo-o».

Podemos, porém, imaginar facilmente outro significado para a ingestão da carne humana: não apenas o mero uso de um cadáver humano com finalidades nutritivas, nem a vingança sobre um inimigo, mas a afirmação simbólica do humano pelo ato de se banquetear com ele. Não demonstramos nosso apreço e nosso desejo pelos seres humanos a quem amamos quando damos pequenas mordidas em suas orelhas, chupamos seus mamilos, suas línguas etc.? Alguns de nós ainda procuram provar toda a extensão de seu amor com um ato de completa ingestão (é claro que não de partes inteiras do corpo, ato que feriria o amante, mas pelo menos dos fluidos corporais). Aqui, engolir é mais um ato amoroso de plena rendição e feliz abandono do que o agressivo desafio da Vingança.

Será que o ritual da Eucaristia não exprime a mesma ingestão amorosa do divino corpo de Cristo? Será, então, que o canibalismo também poderia ser temido por ameaçar a adoração (e o ato de comer) ao ser superior? Se reverenciamos o corpo humano, porque haveríamos de preferir enterrar nossos cadáveres, que irão alimentar vermes e latvas desprezíveis, a honrá-los como Fonte de nutrição para formas humanas e nossas companheiras? Há muito tempo Montaigne compreendeu que o conceito de canibalismo suscita muitas questões provocativas, que merecem uma reflexão mais esclarecida e imaginativa. No entanto, nossa tradição teimosa de reagir ao canibalismo por meio de um estremecimento visceral, irrefletido, de repulsa condenatória, parece permanecer tão cegamente primitiva quanto o canibalismo que ele detecta,

Richard Shusterman. Traduzido do inglês por Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 11

# Two questions on cannibalism and rap

1. In your study *Of rap in Pragmatist aesthetics* (Oxford: Blackwell, 1992) you explicitly use the concept of cannibalism to describe rap's aesthetic of appropriation, its sampling of prerecorded music and other sounds. You even refer to the early rappers, on page 203, as "musical cannibals of the urban jungle." What has been the reaction to this characterization of rap?

In the English language, "to cannibalize" not only has the meaning of eating human flesh but more generally denotes the practice of taking parts from one thing to add it to another, as when one strips of various parts of one car to add them to another vehicle.

My description of rap's sampling was clearly oriented toward this symbolic meaning of cannibalizing parts to create a new musical whole. None of the African-American readers of the book (or of the rap criticism I also wrote for a local grass-roots rap-fanzine) ever took my use of "cannibalism" in any other way. Never did they accuse me of denigrating rap by associating it with what some would call the primitivism of African cannibal cultures,

I did, however, face this criticism from certain white readers who were deeply concerned with politically correct language. In fact, the copy editors of *Critical Inquiry*, an excellent journal who published an exchange on rap between myself and another critic, insisted that I refrain from using the term "cannibalism" with respect to rap in my new article "Rap remix: pragmatism, postmodernism, and other issues in the House." They argued that its use implies that rap culture and its ethnic sources are primitive and savage, that the term "cannibalism" too powerfully reinforces the identification of black culture with barbarous savagery. While recognizing that I was defending the value of rap's musical cannibalization, they remained adamant that the very use of the term "cannibalism" entailed a negative valuation, a scornful colonialist charge of savage brutality. They insisted that their readers (primarily white Anglophone academics) would be so disturbed and misled by the horrific connotations of cannibalism, that my positive appreciation of rap would be lost, and that I (if not also the journal that published me) could easily be taken as expressing colonialist racist views.

146 XXIV Bienăi "Foteiros- Aoteiros. RoteirOS. Roteiros. Roteiros. Roteiros, Roteiros,••

2. What conclusions have you drawn from this reaction? What has cannibalism come to mean to you as a philosopher?

The first conclusion was simply practical. I recognized that the editors knew their American academic readership better than I did, so that if I wanted to communicate my message more effectively to that public, I should avoid the term "cannibalism". Superficial linguistic circumventions were easy to find. For example, when writing for North American audiences, instead of referring to rap's cannibalizing of other sounds, I simply wrote that rap "fed" on other sounds (see my later study of rap in *Practicing philosophy: pragmatism and the philosophical life* (New York: Routledge, 1997). This, of course, is a very

perfunctory response, a merely cosmetic solution to the real problem with respect to cannibalism: our blind, shallow, and primitively visceral reaction to it, which expresses all the savage primitiveness that we project on cannibalism itself.

So beyond the project of policing my language for politically correct North American readers, I began to see that philosophy could be useful in reminding people of the varieties of the meanings of cannibalism. Even in the literal act of eating human flesh, there are different possible meanings. As we learn from Diogenes Laërtius, the Stoics Zeno and Chrysippus both advocated the eating of corpses under "the stress of circumstances," i.e., when there was nothing else available to eat. Montaigne's essay on cannibalism points to another meaning of the practice: "to betoken an extreme revenge" on a defeated enemy by "roasting and eating him?"

But one can easily imagine another meaning for the ingesting of human flesh: not the mere nutritional use of a human corpse nor the revenge on an enemy but the symbolic affirmation of the human by the act of feasting on it. Do we not demonstrate our appreciative desire for human beings whom we love by nibbling on their ears, sucking on their nipples, tongues, etc.? Some of us further seek to prove the higher measure of our love by an act of full ingestion (of course, not of whole body parts, an act that would wound the lover, but at least of body fluids). Swallowing here is a loving act of full acceptance and happy surrender rather than the aggressive defiance of revenge.

I sometimes wonder whether the ritual of the Eucharist does not express the same loving ingestion of the divine body of Christ? Might cannibalism, then, also be feared for its threat to the worship (and eating) of the higher than human? If we revere the human body, why should prefer to bury our corpses to feed the lowly worms and maggots rather than honoring them as nourishment for fellow human forms? Montaigne long ago realized that the concept of cannibalism raises a great deal of provocative questions deserving more enlightened and imaginative thought. But our stubborn tradition of responding to cannibalism with an unthinking visceral shudder of condemnatory repulsion seems to remain as blindly primitive as the cannibalism it perceives.

Richard Shusterman

¶Critical Inquiry, n. 22 (1995), pp. 150—158